



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PREG
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO Á DISTÂNCIA – NEAD
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA – EAD**

**ANTONIA JOSILENE ALVES REIS
JUSSARA MACHADO LIMA**

JERUMENHA: DE VILA A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

**MARCOS PARENTE
2025**

R375j Reis, Antonia Josilene Alves.

Jerumenha: de vila à emancipação política / Antonia Josilene
Alves Reis, Jussara Machado Lima. - 2025.

29 f.: il.

TCC (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Núcleo
de Educação a Distância-NEAD, Licenciatura Plena em História,
Marcos Parente-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva".

1. Jerumenha de Vila. 2. Emancipação política. 3. Fatos
históricos. I. Lima, Jussara Machado . II. Silva, Ronyere Ferreira
da . III. Título.

CDD 981.22

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecário) CRB-3^a/1188

ANTONIA JOSILENE ALVES REIS
JUSSARA MACHADO LIMA

JERUMENHA: DE VILA A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva.

APROVADO EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva (Presidente)

Prof. Me. Jordan Bruno Oliveira Ferreira (Avaliador)

Prof. Albetize de Oliveira Rocha Ribeiro (Avaliadora)

MARCOS PARENTE - PI

2025

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo apresentar a história de Jerumenha, bem como trazer à luz fatos e relatos que desde os séculos XVIII, vem buscando manter suas tradições quanto a cultura, religião e suas diversidades, mantendo sua base de sustentação pela pecuária. O Município que antes era uma fazenda, passou por muitas dificuldades, como doenças que afetavam os fazendeiros e principalmente seus empregados que estavam à frente do trabalho pesado e manual da época. As dificuldades dentro das fazendas eram muitas, pois, a locomoção e acesso dificultavam devido a localização e a distancia da cidade mais próxima. A Religião predominante é o catolicismo onde até os dias atuais se comemora as festividades em homenagem a Santo Antonio, sendo o padroeiro da cidade, e essa tradição traz a memória durante séculos resquícios dos primeiros habitantes na formação do município colaborada pelo Bispo Frei Manoel da Cruz que contribuiu com a passagem de Vila para município que em 1890, por decreto estadual foi elevada a condição de cidade. Além do tradicionalismo de manter como base de renda a agropecuária, Jerumenha tem sua cultura artesanal e na produção da cajuina, bebida tradicional feita da extração da polpa do caju, o crochê, bordados e artes diversas, como pinturas e outras com grande relevância na mão de obra dos artesãos.

Palavras-Chave: Jerumenha, Relatos, Fatos Históricos.

SUMMARY

This work aims to present the history of Jerumenha, as well as to bring to light facts and reports that since the eighteenth century, has been seeking to maintain its traditions regarding culture, religion and its diversity, maintaining its support base by livestock. The Municipality, which was once a farm, went through many difficulties, such as diseases that affected the farmers and especially their employees who were in charge of the heavy and manual work of the time. The difficulties inside the farms were many, as locomotion and access made it difficult due to the location and distance from the nearest city. The predominant religion is Catholicism where to this day the festivities are celebrated in honor of Saint Anthony, being the patron saint of the city, and this tradition brings to memory for centuries remnants of the first inhabitants in the formation of the municipality collaborated by Bishop Frei Manoel da Cruz who contributed to the passage from Vila to municipality that in 1890, by state decree it was elevated to the status of city. In addition to the traditionalism of maintaining agriculture as an income base, Jerumenha has its artisanal culture and the production of cashew, a traditional drink made from the extraction of cashew pulp, crochet, embroidery and various arts, such as paintings and other things.

Keywords: Jerumenha, reports, historical facts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 CONSTITUIÇÃO DO ARRAIAL GÁRCIA D´AVILA.....	9
1.1 Aspecto economico e a Escravidão no Arraial.....	12
1.2 Localização Geográfica e sua importância para o Estado do Piauí.....	14
2 RELIGIÃO, LENDAS E TRADIÇÕES.....	17
2.1 Fatos históricos orais relatados por anciãos: A História da Cota e do Santo Antonio.....	18
2.2 A figura do Vaqueiro e sua importância na agropecuária.....	21
REFERÊNCIAS.....	26

Introdução

O presente trabalho relata a história de uma das cidades mais velha do Piauí, Jerumenha com seus mais de 300 anos de existência, onde despertou-nos o interesse de trazer à memória um pouco de sua vivência, cultura e fundação. A cidade que dera origem do arraial Gárcia D'Avila, que segundo relatos trazidos do Estado da Bahia pelo português Francisco Dias D'Avila, um dos primeiros exploradores das terras do Piauí, logo concedida ao mesmo em 1676 conforme afirma Pereira da Costa “Cronologia Histórica do Estado do Piauí”.

Durante seus mais de 300 anos de história, a cidade de Jerumenha desenvolveu um grande papel na dependência do Brasil, pois houve filhos de Jerumenha na decisiva e sangrento conflito dos Balaios, havendo diretamente interesse nos territórios do município, somente em 1746 tornou-se Vila com a denominação de Jeromenha pela carta régia, de 1761, e somente no ano de 1890 decretada a condição de cidade.

Jerumenha tem em sua história relatos de muitas lutas após abolição, pois a população não tinha seus direitos trabalhistas e viviam a maioria nas fazendas trabalhando na lavoura e agropecuária e a classe escravizada era a que mais sofria, as enfermidades ainda eram pouco curáveis naquela época, pois o município tinha pouco conhecimento medicamentoso, usava-se então o natural que tinha a cura de forma mais lenta. A produção e prática agrícola prevaleceu como fonte principal de renda naquela época, e anos depois por não haver uma adaptação adequada não havia mais um bom cultivo passando por mais um problema enfrentado pela comunidade.

A cultura trazendo a vaquejada como uma das principais festividades do município até hoje, faz com que o município mantenha a tradição de uma longa história vivida de geração a geração. A religião predominante é o catolicismo, onde se festeja o padroeiro de Santo Antonio anualmente com treze noites de festividades, pois vale trazer a memória que a cidade foi franqueada pelo Frei D. Manoel da Cruz trazendo uma forte cultura religiosa. Não se pode deixar de falar dos artesãos, pois ainda é bem fluente na cidade passando-se de geração a geração, podendo citar a produção da cajuína fabricada artesanalmente em quintais de forma cultural rústica. Ao longo dos anos o aperfeiçoamento na fabricação e tem levado pessoas a investir na produção de alta qualidade, tornando a principal fonte de renda.

O comércio atualmente prevalece, pois houve a necessidade de se adequar a uma nova maneira de sobrevivência, por ser microrregião de Floriano, Jerumenha tem dificuldade

de manter o empreendedorismo e a rotatividade de vendas no comércio, talvez um dos motivos que dificulta o crescimento e desenvolvimento de uma das cidades mais velhas do Estado do Piauí, pois os moradores tem uma cultura costumeira de se deslocar para fazer suas compras e resolver questões pessoais na cidade vizinha- Florianópolis, atrofiando o crescimento na que residem.

Segundo Costa (2011), região é um espaço homogêneo, identificado por aspectos físicos, econômicos, culturais e de ocupação. Tal conceito é atualmente substituído pelo de território, compreendido como um espaço construído social e historicamente por meio da cultura, das instituições micro e mesorregionais e da política. Jerumenha de fato traz ao longo de sua história uma paralização econômica, pois a renda arrecada não é gasto no próprio lugar, isso preocupa os comerciantes e empreendedores da cidade.

Como moradora dessa cidade, veio então o desejo de falar sobre umas das cidades mais antigas do estado, onde se pode observar sua paisagem histórica, a política, cultura, religiosidade e fatos ocorridos que são contados por moradores que aqui residem.

Pretendo abordar sua relevância como cidade, os fatos ocorridos durante os séculos, sua principal fonte de renda, cultura, vivência e crença.

A pesquisa surge em decorrência do interesse em aprofundar-me na compreensão discursiva e analítica sobre umas das cidades mais antigas do Piauí. O estudo trouxe a memória uma viagem ao tempo onde pude observar em grande relevância sua importância na formação do Estado do Piauí, pois, apesar de pequena territorialmente, vem com sua superação e sua própria história em vários cenários culturais, religiosos onde o escritor Artur Passos menciona em seu livro “Fanatismo Religioso” um dos acontecimentos ocorridos em janeiro de 1936 onde ele relata o fanatismo religioso da senhora Cota onde levou algumas pessoas a sacrifícios exagerados na busca para ir ao céu um dos fatos que me chamou a atenção ao buscar conhecer melhor o que aconteceu para que a sociedade de Jerumenha falasse com tanta relevância e de forma assustadora para alguns moradores. A luta por cidadania igualitária, era algo almejado pela sociedade daquela época, pois somente uma vila que dependia totalmente da criação de gados e lavoura precisaria de mais assistência governamental diante de situações no que se refere a salubridade na saúde, educação e outros direitos que precisavam ser adquiridos, pois, a catapora ainda era uma doença autoimune devido não haver vacinas para combater. Portanto, essa pesquisa trata de conhecer a história da cidade que hoje hábito, conhecendo os diversos modos de vivência, hábitos e costumes trazidos em sua cultura ao longo dos séculos.

Esse trabalho tem como Objetivo Geral, investigar através das fontes pesquisadas a importância do município de Jerumenha com o objetivo de alcançar um melhor e mais profundo conhecimento sobre a história da cidade investigando fontes e relatos que trazem a memória momentos que marcaram, tanto na sociedade como no estado, a sua importância quanto cidade, seu desenvolvimento e sua sustentabilidade. E os Objetivos específicos iremos mostrar através de fontes voluntárias, involuntárias e depoimentos, a história da cidade de Jerumenha enquanto República, mostrando conhecer, entender de fato sua particularidade, sua cultura, renda, política, religião. Os principais acontecimentos que marcaram e que nos levou a pesquisar atingindo nosso objetivo que é buscar entender e conhecer o lugar onde habitamos.

Compreendendo melhor a história da cidade e trazendo à memória os relatos e acontecimentos de Jerumenha no Piauí, visando conhecer o vislumbre dos fatos e suas particularidades, relatos da sua cultura, sociedade, costume, política e religião.

A metodologia utilizada foi baseada a partir de pesquisas de fontes primárias e secundárias, baseados em fontes bibliográficas e orais com abordagem qualitativa e com intenção de melhor buscar conhecer a história da cidade de Jerumenha com pesquisa nos Arquivos da Agência Municipal e Estatística de Jerumenha dentre outros.

1 CONSTITUIÇÃO DO ARRAIAL GÁRCIA D'ÁVILA

Tudo acontecia no século XVII, quando em 1676 o governo de Pernambuco concedeu ao português Francisco Dias D'Ávila um extenso domínio de terra, incluindo o território do atual município, para que ali se estabelecesse uma fazenda de gado. Foram então conduzidos da Bahia diversos índios domesticados destinados a servirem e defenderem as terras.

Segundo os relatos encontrados nos escritos de Capristano de Abreu, sobre Capítulos de História Colonial (1500- 1800), este afirma que: “Em 1751 a Capitania [do Maranhão] contava oito freguesias, cinco engenhos de açúcar, duzentas e três fazendas de criar gado, das quais quarenta e quatro em pastos bons e trinta e cinco em aldeias altas.” (ABREU, 1969. p.158).

No entanto, o aldeamento do Arraial Garcia d'Ávila nas terras piauiense, tem ligação com o crescimento de terras empreendidas pela “Casa Torre”, (instituição fundada e administrada pela família Ávila, da Bahia), que aprisionava e financiava aventureiros, sobretudo os índios e invasores de terras destinadas à pecuária, para que eles desbravassem os Sertões. A cada lugar que apossava, os Ávila através de sesmarias, oficializavam seus pedidos de grandes pedaços de terras com uma, extensões de 10 a 12 léguas em quadro.

O bandeirante português Domingos Afonso Mafrense ou Sertão, um dos rendeiros (aquele que toma propriedade rural por arrendamento), da família Ávila foi quem liderou uma das frentes de penetração nos Sertões do Piauí, tornando-se um dos primeiros colonizadores das terras, além de ser respeitado e ambicioso. Mafrense escolhia somente lugares com água, e no início da década de 1670 instalou-se no vale do rio Canindé e dali prosperou e cresceu através das terras piauiense, onde fundou, nas margens dos rios Canindé e Piauí, várias fazendas de gado, confiadas sob a responsabilidade dos vaqueiros. Nasce daí o germe do povoamento piauiense, que apresentava na atividade criatória o modelo dominante de ocupação daquele território.

Quanto o histórico da “Vila de Jerumenha”, os relatos de sua origem constam que inicialmente foi um arraial de índios trazidos da Bahia, pelo Português Francisco Dias D'Ávila, um dos primeiros exploradores das terras do Piauí que se aldeou na margem direita do rio Gurguéia, para a defesa de suas fazendas de criação de gado situadas naquela região.

1676 - O governador de Pernambuco Dom Pedro de Almeida concede, nesse ano, as primeiras sesmarias de terras no Piauí a Domingos Afonso Mafrense, Julião Afonso Serra, Francisco Dias de

Ávila e Bernardo Pereira Gago, que as requerem, constantes de dez léguas em quadra para cada um, e todas situadas nas margens do Gurgueia. (DIAS, 2008.p.295).

De acordo com os relatos da capitania do Piauí, a conquista de terras foi por inúmeras pessoas, sobretudo, arrendatários e vaqueiros que, expunham suas vidas em riscos, ao adentrarem nos sertões em busca de novas terras.

A concessão de sesmarias acompanhava passo a passo à marcha da conquista. Mal se divulgava o desbravamento de uma faixa de terra, acudiam pressurosos requerentes, armados de recomendações. Evidentemente, nenhum desses magnatas pensaria em participar do árduo trabalho de povoamento, todo ele entregue ao posseiro anônimo, de passo vacilante, que penetrava os sertões e enfrentava os perigos. De fato, na história da colonização do Piauí é insignificante o número de doações feitas aos verdadeiros povoadores, o que atesta o poder e a força dos sesmeiros. (PORTO, 1974.p 62).

Naquela época existiam poucos donos de terras que participavam efetivamente do povoamento do território piauiense. Havia homens simples que na condição de sesmeiro assegurava o título das terras e desbravavam fazendas para criar gado em terras piauiense.

Essas sesmarias foram apossadas por Francisco Dias D'ávila no ano de 1676, por ordem do Governador de Pernambuco, Dr. Pedro de Almeida, constantes de dez léguas em quadro, conforme afirma o historiador Pereira da Costa em sua Cronologia Histórica do estado do Piauí. O arraial teve tal desenvolvimento no ano de 1740, onde já formava uma povoação sobre grande influencia dos jesuítas.

Os jesuítas, além psicologicamente ativos pela ideia de catequese eram dotados de um aparato intelectual notável. Sabiam construir com terras, madeiras e pedras, conheciam o desenho e a geometria, falavam duas outras línguas europeias além do latim. Utilizaram a arte como ferramenta de aproximação no ensino de valores, ainda que no intuito de catequese, contribuíram de forma significativa para construção da identidade brasileira da produção artística (SALA, 2002).

Segundo Sala (2002), os jesuítas soube dotar seus membros trazendo uma melhor compreensão intelectual religiosa, cumprindo assim a sua missão, ensinando no cotidiano como preparar a terra e o plantio para sua sobrevivência.

Cid de Castro Dias descreve sobre o sertão piauiense enfatizando desde as origens até a formação da capital. Traz uma história sofrida, marcada por muitas lutas e sangue de pessoas inocentes. Não deixou esquecido os verdadeiros habitantes desta história: os índios.

Os índios foram sem soma de dúvidas a grande vítima do civilizado. O branco tomou

suas terras, seus direitos, liberdade e vida. Escravizou o quanto pode e ainda expulsou de suas próprias terras. Entre tantas lutas e machas, os primeiros habitantes do Piauí fizeram o que puderam para construir uma história que atravessou trevas e luzes.

No ano de 1740, o Bispo de São Luiz do Maranhão Dom Frei Manoel da Cruz, que na época era bispo de todo estado do Maranhão e Piauí, criou a freguesia de Santo Antônio do Gurguéia, hoje chamada de Paróquia de Santo Antônio do Gurguéia.

No ano de 1741 foram iniciados os trabalhos da construção da Igreja Matriz, com o auxílio geral da população, ou seja, dos seus habitantes daquela época. O templo foi sagrado, inaugurado no ano de 1746 por efeito da carta régia de 19 de junho de 1761, o povoado passou da categoria de vila e cidade, criado o município propriamente dito, instalado oficialmente dia 22 de junho de 1762 pelo primeiro governador do Piauí João Pereira Caldas, com a denominação de Jerumenha. Posse do seu primeiro administrador municipal em 22 de junho de 1762.

1758 – 29 de julho. Criação da Capitania do Piauí independente da do maranhão quanto ao administrativo. Por Carta Patente de 21 de agosto é nomeado o seu primeiro governador João Pereira Caldas. (DIAS, 2008, p. 295).

Por ocasião do ato da instalação do município, de Jerumenha, alguns habitantes da nova vila se obrigaram perante o governador Pereira Caldas, sobre o escrito, a edificar 15 casas na sua sede que oferecessem os requisitos exigidos pela referida.

‘19 de junho de 1761, Lisboa CARTA RÉGIA (cópia) do rei, D. José I, ao governador do Piauí, João Pereira Caldas, ordenando a fundação de vilas na capitania do Piauí, passando a vila da Mocha a ser capital do governo edando outras medidas administrativas para o governo da capitania. Arquivo Histórico Ultramarino Administração Central Conselho Ultramarino Piauí,’ Cx. 8, D. 457. [...] As freguesias do Piauí são elevadas à categoria de vila [...] (DIAS, 2008, p. 295).

Depois de instaladas as vilas, o município ficou com grande extensão territorial, e viveram os seus habitantes os melhores dias, na última metade do século XVIII e primeira metade do século XIX. Era uma terra sem divisas convencionais. Tinham criação ascendente, lavouras prósperas, comércios reduzidos.

Jerumenha desempenhou um grande papel da guerra da Independência. Teve muita influência a sua participação. A vila de Jerumenha sofreu muito na mudança da capital, o seu progresso mudou muito quando surgiu Oeiras como capital. Em seguida veio a Lei do Ventre Livre e mais tarde a da abolição, golpes evidentemente inexoráveis, ensinando uma época

de atividade organizada de repente sem remissão e sem possibilidades de reorganização.

O sargento Mor João Gomes Caminha, que se destacou no próprio assédio de Caxias-Maranhão, é sem favor autêntico herói das liberdades políticas do Brasil. No sangrento conflito dos Balaíos no Estado do Maranhão, foi decisiva a cooperação dada pelos filhos jerumenhenses, chegando mesmo a decidir no Sul da província, invadida e saqueada, a parte do prélio, devastador. Quartel General das forças em operações pagou Jerumenha pesado tributo de sangue, batendo e expulsando amotinadas, as ordens, do estrépito José Martins de Sousa, comandante da coluna do Oeste, no vale do Gurguéia.

1.1 Aspecto Econômico e a escravidão no Arraial.

O período denominado pombalino foi marcado por mudanças políticas, econômicas e sociais implementadas na América portuguesa, logo após a ascensão do então ministro marquês de Pombal. Havia, na época, uma preocupação excessiva da Coroa com a manutenção e a defesa do território da América portuguesa, frente às constantes invasões estrangeiras que ocorriam desde o século XVII e colocavam em risco a garantia de seus domínios, de que Portugal era cada vez mais dependente economicamente. Esses processos, segundo Iris Kantor, estimulou a realização de expedições demarcatórias e de políticas demográficas, com o intuito de garantir a comunicação fluvial e terrestre e o repovoamento territorial. Além disso, segundo a autora, o “adensamento da presença portuguesa pode ser constatado no expressivo aumento do número de paróquias, vilas, comarcas e capitanias criadas nos sertões até então inexplorados pelos colonos europeus” (KANTOR, 2019, p. 464).

Para sabermos se houve ou não uma política pombalina para a pecuária dos sertões do Maranhão e Piauí, precisamos ponderar sobre as ações que a Coroa e as autoridades régias – principalmente os governadores – adotaram no que se refere ao desenvolvimento desta atividade econômica na região. Rafael de Bivar Marques, por exemplo, destacou que na “década de 1750, Pombal adotou também medidas fiscais para controlar a produção, os preços e os custos de transporte de artigos como açúcar, fumo, ouro e diamantes”. No entanto, “a peça central da política pombalina para recuperar a economia da América portuguesa consistiu na criação de companhias privilegiadas de comércio. Em 1755, foi instituída a Companhia Geral de Comércio do Grão Pará e Maranhão”. A esta companhia caberia “estimular a produção de gêneros agrícolas como algodão e o arroz” (MARQUESE, 2004, pp. 174-175) e, aqui acrescentamos, a importância do couro como produto de exportação. Nesse sentido, segundo Rodrigo Gerolineto Fonseca, um dos objetivos do plano de comércio pensado pelo

marquês de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado e João Pereira Caldas, era consolidar esses sertões como um grande criatório pecuarista e integrá-lo na economia internacional(FONSECA, 2010, p. 64).

A partir da década de 1760, os sertões do Maranhão e Piauí já estavam significativamente ocupados por fazendas de gado espalhadas pelas freguesias, que foram constituídas em vilas pela determinação da carta régia de 19 de junho de 1761, que tratou da constituição política e administrativa de proporcionar uma autonomia ao Piauí, determinando a vila de Mocha como “capital da capitania”, que posteriormente recebeu o nome de Oeiras e tornou-se a primeira vila do sertão. Nessa ocasião, as oito povoações existentes tornar-se-iam vilas, não necessariamente pela quantidade de casas, habitantes e fazendas que havia nessas localidades, mas pela política de efetivação e incentivo da ocupação e do povoamento na região (PORTO, 1974, p. 70).

Dessa forma, com base nos inventários registrados entre 1762 e 1822 em Jerumenha e Valença, pode-se identificar que predominavam entre os escravos aqueles com idade entre 15 e 40 anos. Este grupo compreendia 42.02% dos cativos identificados. Os velhos, aqueles com mais de 40 anos, e as crianças com idade entre 0 e 7 anos formavam grupos com dimensões semelhantes, correspondentes respectivamente a 14.04% e 16.21%, a 15.56% e 15.15%. Os jovens com idade entre 8 e 14 anos compreendiam a 15.01%. Nessa amostragem, pode-se observar outras características dos escravos do Piauí. Por exemplo, na faixa de idade entre 0 e 14 anos, o contingente feminino era quantitativamente superior ao masculino. Já no grupo que tinha idade entre 15 e 40 anos, os homens eram maioria. Isso pode ter relação com o fato de serem esses mais aptos ao trabalho quanto ao gado e à construção e manutenção da infraestrutura das fazendas. Eles compreendiam 44.85%, enquanto as mulheres 38.10%. Mas também entre os escravos, aqueles com mais de 40 anos do sexo masculino eram numericamente superiores. Eles totalizavam 15.56%, enquanto as mulheres da mesma faixa etária compreendiam 11.90% dos escravos inventariados. A superioridade em termos quantitativos da população masculina entre os escravos não é específica de Jerumenha e Valença. O mesmo ocorria em Campo Maior, na segunda metade do século XVIII. Convém ressaltar que nessa freguesia também predomina²³ Sobre as características da população escrava de Jerumenha e Valença no período entre 1762 1822, (BRANDÃO, [s,d]).

Observa-se que o número de mulheres diminui bastante entre as que atingem 50 anos. O índice delas chega a zero entre os sexagenários. Sobre o engajamento do escravo na economia do Piauí colonial, convém esclarecer que o trabalho nas unidades de produção não

se limitava ao manejo do gado no campo e currais e às remessas das boiadas para as feiras. Essas atividades certamente eram mais apropriadas ao trabalhador livre sob a administração do vaqueiro. No entanto, havia um outro conjunto de tarefas que seria mais apropriada ao braço cativo. Elas diziam respeito às atividades contínuas que exigiam a disponibilidade de braços durante todo o ano. Vale dizer que essas atividades mantiveram as características em todo o período colonial. Dentre elas, sobressaem em importância a agricultura de subsistência desenvolvidas nas roças e a construção da infraestrutura das fazendas, sítios e retiros. Foi no desempenho dessas atividades em que mais se empregou o trabalho do cativo. A infraestrutura dessas unidades de produção demandava trabalho contínuo. Nesse caso, a mão de obra escrava por ser uma força de trabalho fixo foi essencial na construção e manutenção de aguadas, cercas, currais e casas. Estas últimas poderiam ser residenciais ou ser destinadas à instalação de fábrica de farinha. Também faziam parte das instalações de engenhocas onde eram produzidas rapadura e cachaça. Vale salientar, entretanto, que o emprego do escravo não se limitou à agricultura e edificações nas fazendas e sítios. O escravo, mesmo na função de vaqueiro ou auxiliar deste, exercia outras atividades em outros espaços de trabalho desde o século XVII. Nessa fase de instalação da pecuária, o registro de vaqueiros escravos foi feito pelo Padre Miguel de Carvalho quando fundou afreguesia de Nossa Senhora da Vitória, a primeira do Piauí. (CARVALHO, [s,d]).

No século XVIII, a preferência pelo braço escravo entre os senhores do Piauí é fato descrito em o Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Maranhão. 26 Como os principais registros disponíveis sobre os cativos estão nos processos de inventário, fica mais difícil a identificação de cativos vaqueiros. No entanto, há registro, nesta época, de escravos declarando, em testamento, a posse de cativos inclusive.²⁷ Com o exercício da função, o vaqueiro garantia o recebimento da quarta parte dos bezerros nascidos. Pode-se admitir que esses cativos se tornaram senhores de escravos porque haviam exercido a função de vaqueiros (CARVALHO, [s,d]).

1.2 Localização Geográfica e sua importância para o Estado do Piauí.

Jerumenha desempenhou um papel importante na guerra da independência. O sangrento-mor João Gomes caminha que se destacou no próprio assédio de Caxias, é, sem favor um autêntico herói das liberdades políticas do Brasil. No sangrento conflito dos balaíos, foi decisiva a cooperação dada pelos filhos de Jerumenha, chegando mesmo a decidir, no sul da província invadida e saqueada, a sorte do prélio devastador. Quartel general das forças em

operações pagou Jerumenha pesado tributo de sangue, batendo e expulsando os amotinados, as ordens do intrépido José Martins de Sousa, comandanteda coluna do Oeste, no vale do Gurguéia. (Wikipedia: JERUMENHA).

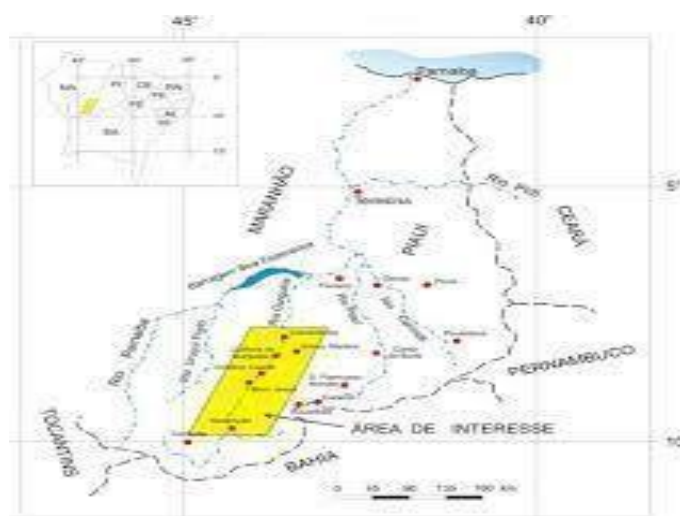


Figura 1. Localização da ZEPAS do Gurguéia (FEITOSA et al., 2010.p.3)

A ocupação das terras do Piauí, as quais correspondiam a uma parte da área do “Sertão de Dentro” (Abreu, 1969), ocorreu na segunda metade do século XVII, e se iniciou pela costa leste e sul do território, pelas margens dos rios Piauí, Canindé, Paraím e Gurguéia. Não demorou muito para a atividade criatória atingir também o Parnaíba, ultrapassando rapidamente para o lado ocidental de sua bacia, já em território maranhense. Neste, os currais espalharam-se tanto em direção à montante do Parnaíba, chegando às margens do rio das Balsas e à região de Pastos Bons, quanto o curso médio e jusante daquele rio, de onde segue em direção aos vales dos rios Itapecuru e Mearim. De acordo com ABREU (1969: 158).

Um dos rendeiros da família Ávila era o bandeirante português Domingos Afonso Mafrense ou Sertão, o qual liderou uma das frentes de penetração nos Sertões do Piauí, tornando-se um dos primeiros colonizadores daquelas terras. No início da década de 1670 instalou-se Mafrense no vale do rio Canindé e dali expandiu-se para metade do que viria a ser o território piauiense, onde funda, principalmente nas margens dos rios Canindé e Piauí, cerca de 30 fazendas de gado, a maioria delas confiadas à administração de vaqueiros. Nasce daí o início do povoamento piauiense, que apresentava na atividade criatória o modelo dominante de ocupação daquele território (Mott, 1985).

Quando utilizamos a toponímia na Arqueologia brasileira podemos, por exemplo,

“fazer uma análise preliminar que permita determinar influências europeias, indígenas e africanas” (CAMPELO; EMPERAIRE, 1985, 191). Esse tipo de análise dá ao arqueólogo uma prévia noção sobre o tipo de cultura material que pode ser encontrada no local.

O segundo método de estudo cartográfico é a cartogrametria, que “é o campo da Cartografia que trata das medições e cálculo de valores numéricos relativos aos mapas e cartas” (GASPAR, 2009 apud CASTRO, 2013, 588). Esse campo estuda a exatidão dos mapas e é utilizado para encontrar erros de “distâncias, áreas, direções, entre outras operações” (CASTRO, 2013, 588).

O terceiro método é o georreferenciamento. Esse método faz parte das disciplinas de geoprocessamento e de dados. O Geoprocessamento é a área do conhecimento que usa técnicas e ferramentas matemáticas e computacionais para tratar os processos que ocorrem no espaço geográfico (D'ALGE, 2005). Dentro das técnicas e ferramentas computacionais está o SIG (Sistemas de Informação Geográfica) ou GIS (Geographic Information System). Os SIGs, de acordo com os manuais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), são softwares que processam dados gráficos e não gráficos com o intuito de fazer modelos geológicos ou geográficos (INPE, 2006). Dentro de um software SIG existe a ferramenta de georreferenciamento, que permite “a associação das coordenadas de tela de uma imagem às correspondentes coordenadas vinculadas à superfície terrestre” (CORREA, 2008, 78).

Jerumenha está localizada no estado do Piauí, na região nordeste do Brasil. Temos como coordenadas, aproximadamente 7°05'16" de latitude sul e 43°30'35" de longitude oeste. Pertencente a Microrregião de Floriano, fazendo parte do Território de Desenvolvimento Tabuleiros do Alto Parnaíba. Tendo como limites ao Norte, a divisa se dá com o Estado do Maranhão, e de Guadalupe. Ao Sul, o município de Canavieira. Já ao Leste, a divisa se dá por meio dos municípios de Floriano e Itaueira. Por fim, ao Oeste, os municípios de Marcos Parente, Landri Sales e Guadalupe (CEPRO, 2007).

No mês de junho iniciam-se em Jerumenha os festejos juninos, uma tradição centenária que atrairomeiros e turistas de todo o Estado, uma festa que combina as tradições e costumes as festividades que se estendem por 13 dias de comemorações. Contudo, a religiosidade histórica do município não se resume ao catolicismo, a Igreja Batista de Jerumenha também realiza um trabalho centenário na cidade sendo uma das primeiras fundadas no Piauí a mais de 100 anos. Sendo assim, Jerumenha se destaca no Piauí como destino turístico e com potencial para desenvolvimento de atividades agropecuárias, além da localização e ambiente calmo e aconchegante que favorecem o convívio social de paz e tranquilidade, segundo Portal da Transparência (2017).

2 RELIGIÃO , LENDAS E TRADIÇÕES

A religião sempre exerceu um papel fundamental na formação das sociedades e na construção das identidades culturais ao longo da história da humanidade. Ela se apresenta como um conjunto de crenças, práticas e valores que visam explicar os mistérios da existência humana, da origem do universo e da vida após a morte. Além disso, a religião tem sido uma fonte de conforto, moralidade e orientação espiritual para milhões de pessoas ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, ela também gera debates e reflexões sobre a liberdade de crença, a convivência sobre diferentes religiões e a importância do respeito à diversidade religiosa em um mundo cada vez mais plural.

Neste capítulo exploraremos como as lendas e fatos históricos moldaram a identidade da cidade, desde os tempos Coloniais até os dias atuais. Veremos como as narrativas místicas se entrelaçam com os acontecimentos reais, criando uma memória coletiva que define a identidade da cidade.

A cidade de Jerumenha é um celeiro de relatos históricos que povoam o imaginário popular e transmitem valores e crenças. A lenda do Santo Antonio contada ao longo dos séculos pelos moradores demonstra fé e reverência ao Padroeiro. Toda história tem sido contada, crendo que o Santo não se sentia bem no lugar onde estava e fugiu deixando suas pegadas vistas até os dias atuais. Conta-se que o lugar onde hoje é situada a Igreja de Santo Antonio, visitada por moradores e turistas, onde ocorre a festividade em homenagem ao mesmo entre os dias primeiro e treze de junho, era de fato o lugar escolhido pelo Santo.

Outro fato contado foi da Senhora Cota, que foi induzida a sacrificar seus próprios filhos acreditando que garantiria sua Salvação. Esse relato é contado de forma assustadora pelos moradores da cidade de Jerumenha. Com isso, ao serem narradas, as histórias evocam sentimentos que, de tão fascinantes, “[...] são transmitidas oralmente como se o narrador vivenciasse novamente a referida história. Esses narradores têm o prazer de contar, não somente com palavras, mas com gestos, e isso é o que mais enriquece a narrativa.” (PIRES; BATALHA; SOUZA, 2016, p. 48).

As lendas e os mitos, a depender do local em que são reproduzidas, assumem diferentes significados. E, neste contexto podem assumir diferentes papéis: sociais, econômicos, culturais e até políticos, ao serem integradas às políticas culturais. Oliveira (2018) conta que as lendas são importantes principalmente para alguns tipos de comunidades. Ele comenta que: “[...] é interessante a observação de que houve uma época em que, para diferenciar uma história verdadeira de uma história imaginária, as pessoas costumavam usar duas grafias: história

(história real) e Estória (história fictícia). Visava-se assim separar, na escrita, o que podia ser considerado uma história verdadeira de uma história fictícia.

Com o tempo, porém, convencionou-se o uso da grafia “história” para designar ambos os sentidos. (SAGARIO, 2015, p. 15) A verdade é que a fronteira entre história real (história) e história inventada (estória) me parece fluida demais para tornar funcional a adoção de dois vocábulos. Todo mundo sabe – ou deveria saber – que a história, bem espremida, é cheia de “estórias”. E vice-versa. Acho mais inteligente deixar a distinção a cargo do contexto. (RODRIGUES, 2011).

Neste trabalho relatamos de forma a compreender a complexibilidade transmitidas pelos relatos, explorando e preservando memórias de um povo mantendo sua essência, revelando sua dinâmica entre passado e presente. Concluímos que o estudo desses contos populares é fundamental para compreender a diversidade cultural da cidade de Jerumenha.

2.1 FATOS HISTORICOS RELATADOS POR ANCIÃOS : COTA-HISTÓRIA DE SACRIFÍCIO RELIGIOSO E DO SANTO ANTONIO

Havia uma devoção muito grande, acreditava-se que através de sacrifícios e orações, o indivíduo conseguia a salvação divina, sendo assim arrebatada aos céus. Tais orações eram tão exageradas que tinham devotos que passavam 3 dias ou mais em montes, somente orando e clamando por salvação.

Segundo a anciã Maria Amelia Gomes Machado (...), houve um fato apavorante no município, uma senhora chamada Cota conhecida por ensinar crianças a ler e escrever, tinha o desejo muito grande de ser chamada por Deus, uma mulher devota e cheia de fé, convenceu uma amiga a irem no alto de um morro, louvarem e adorarem a Deus, pois havia umas nuvens que deciam e as levava para o céu junto a Deus, conseguindo assim sua salvação eterna.

A outra senhora que se chamava Aurora, tomada pela idéia de ser salva, concordou com a ideia e convenceu seu esposo a ir e levar seus 2 filhos. Chegando ao monte as mesmas oraram por três dias consecutivos, e as nuvens não se aproximavam delas, segundo a anciã Cota deduziu que poderia ser as crianças que tivessem atrapalhando a benção, induzindo assim a mãe a tirarem a vida dos filhos pra conseguir a salvação. Fizeram então uma fogueira e jogaram as duas crianças no fogo e continuaram a rezar por sua salvação, se passando mais um dia e mesmo assim as nuvens não baixaram.

Cidadãos que passavam pelo lugar vendo o acontecido chamaram a policia, pois a

mãe que queima seus próprios filhos não está em perfeita condições mentais. A cota foi levada a delegacia de Jerumenha , presa em um quarto revestido por sal, tanto no chão como nas paredes, a mesma não conseguiu viver por muito dias , e teve a morte como seu fim , e a Aurora e seu esposo foram liberados , pois ficou constatado que foram induzidos pela idéia absurda de Cota . Segundo a anciã, Aurora viveu alguns anos antes de falecer, a qual teve três filhos, que residiram em cidades vizinhas.

A delegacia é um prédio situado no centro do município, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e hoje em dia foi transformado em Espaço cultural Amélia de Freitas Bervilaqua do Município, tendo ainda vestígios de sal em uma de suas salas.

Santo Antonio – O padroeiro

O fato ocorreu no século XVIII, nas terras concedidas ao Português Francisco Dias D’Avila na zona rural de Jerumenha, havia uma fazenda de criação de gado próximo a margem do Rio Gurguéia, ali foram criados gados, índios domesticados trazidos da Bahia para ajudar no plantio .

Segundo os anciãos do município, por volta de 1676, foi encontrada uma imagem de um pequeno santo Antonio de Padua, em um local distante a mais de 10 km de onde estava a fazenda, Francisco Dias D’Avila então resolveu construir uma capela na fazenda e colocar a imagem encontrada, porém a imagem ao ser colocada na capela desapareceu e foi encontrada novamente no local que fora encontrado, distante da fazenda. Esse episódio de retorno da imagem se repetiu algumas vezes. Levava o santo para a capela a margem do rio e ele retornava para local onde foi encontrado.

Conta-se ainda que chegaram a guardar o santo em uma delegacia para o mesmo não desaparecer e retornar ao local de origem encontrada. O local que encontraram a imagem do santo, hoje é construída a igreja matriz de Santo Antonio do Município de Jerumenha. No percurso que o Santo fazia ao retornar da capela , acredita-se que ele deixou suas pegadas em um lajeiro, pegadas essas que é visível até a data de hoje, pois mesmo com as chuvas e erosão do tempo não conseguiram apagar as pegadas de Santo Antonio. Os devotos a Santo Antonio acreditam nessa história fielmente e fizeram do local das pegadas uma pequena capelinha cobrindo as pegadas e tornando-a parte da história a ser visitada pela população do município.

Segundo os moradores a imagem retornava pois queria mostrar para seus devotos que

aquele lugar cheio de beleza natural era um lugar Santo, que merecia ser preservado e consagrado.



Figura 1 **capela da pegada de Santo Antonio- Foto do autor.**

O povo diz que a lenda do Padroeiro é verdadeira, e que o próprio escolheu o local onde o templo seria construído, todo o prédio possui grossas paredes com características peculiar, o altar Mor e os umbrais das portas são feitas de pedra maçica e possui um segundo altar onde fica o sacrário e o senhor Mor.

No ano de 1740, o Bisbo de São Luis do Maranhão Dom frei Manuel da Cruz, que na época era bispo do estado do Maranhão e Piauí, criou a freguesia de Santo Antonio do Gurguéia, hoje chamada de Paroquia de Santo Antonio. Em 1941 foram iniciados os trabalhos de construção da igreja pelos jesuitas e ajuda da população local. A igreja foi construída no local que encontraram a imagem de Santo Antonio de Padua – o padroeiro da cidade.

A igreja foi construída virada para a margem do rio Gurguéia, sentido Sul por onde os portugueses chegaram e consideraram a entrada da cidade, ao passar dos anos foi construída outras entradas, sentido norte, tornando-a a entrada principal para a cidade, deixando a igreja de fundo para a nova entrada no Município.

2.2 A FIGURA DO VAQUEIRO E A SUA IMPORTANCIA NA AGROPECUÁRIA



<https://180graus.com/jerumenha/dia-dos-vaqueiros-nos-festejos-de-santo-antonio-em-jerumenhapi/>



<https://180graus.com/jerumenha/dia-dos-vaqueiros-nos-festejos-de-santo-antonio-em-jerumenhapi/>

As experiências vividas no passado são lembradas e vividas até hoje, são caracterizadas pela cultura onde vivemos. Donos de fazenda, com terras férteis, mananciais d'água e pastagens naturais permanentes. Por falta de hábitos, não se davam o cultivo da terra, não usavam foice e enxada, mas ao contrário, mantinham ricas estrebarias e montavam em seus cavalos.

Havia um nível na sociedade, pois quem tinham cavalos, consequentemente tinham terras, a pecuária no entanto progredia muito com o crescimento de fazendas. O aumento constante, próspero em geral constituía uma sociedade privilegiada.

Segundo Tapety (2007), “o vaqueiro não tinha morada fixa, mas estava sempre em

busca de qualidade de vida”. A sociedade organizada é capaz de compreender seus avanços, o seu modo de vida e o comportamento de cada indivíduo de um determinado grupo social. Os fatores geográficos, de cada região, possibilitam sua própria identidade, mesmo passando por transformações adversas o homem se adapta a todas, pois, na condição de nômade, se instala em novos ambientes à procura de alimentos e uma vida melhor.

O vaqueiro é a figura central de uma fazenda, cujo dono geralmente foi um grande vaqueiro que teve sorte na vida, juntou uns trocados e passou de pião a patrão. Os vaqueiros faziam parte de um grupo de homens sob as ordens dos fazendeiros, eram os responsáveis pela fazenda e o cuidado com o gado e as roças existentes na propriedade.

Segundo Claudete Dias (2002), O vaqueiro tinha direito a um bezerro de cada quatro crias, sistema conhecido como ‘quarta’ o que lhe possibilitava a acumulação de alguns bens e a se tornar sitiante ou mesmo fazendeiro. Não era um trabalhador comum e o ‘status’ de vaqueiro atraía a todos; a maior felicidade consistia em merecer algum dia o nome de vaqueiro.

O certo é que a cultura vaqueira está firmemente incrustada e presente na sociedade como marca definidora da cultura popular piauiense. Exercer esta profissão era status, e muitas crianças alimentavam o desejo de crescer, ser vaqueiro e obter ascensão social e econômica.

Nunes afirma que a cultura vaqueira é um conjunto de práticas e costumes do sertanejo, que vive do trabalho agropecuário no interior nordestino e tem na extensão geográfica e social do Piauí um espaço histórico-político ímpar da representatividade sociocultural deste sujeito histórico: o vaqueiro.

O vaqueiro aparece, então, mais como fruto da mística do boi do que como categoria social subordinada, que se definia pelo trabalho na fazenda de gado, sendo o Piauí celebrado como ‘pátria dos vaqueiros’ (CASTELO BRANCO, 1970, p. 44-5).

O vaqueiro assume o comando total da fazenda na ausência do patrão, resolve todos os problemas, possui carta branca e dá ordens de execução. Atualmente, os vaqueiros do Piauí procuram formar grupos ou até mesmo associações para discutirem, juntos à gestão municipal, a importância dessa cultura. Também promovem melhorias nos festejos, sempre com inovações, para que todos possam participar com segurança.

Tem o dia específico dos vaqueiros comemorado em 20 de julho, pois todas as programações propostas são desafiadoras, além de causar uma boa imagem, tanto social quanto religiosa, durante as trezenas de Santo Antonio tem o dia dedicado ao vaqueiro, pois além de muita fé e devoção, vão assistir as novenas com muita emoção, cantam, aboia, mostram sua arte de dominar um animal, somente com o som de suas cantigas, suas vestes são charmosas

e irradiam exuberância, talento, poder e sedução.

A autora Maria Cecília Silva de Almeida Nunes, em seus apontamentos para a História Cultural do Piauí, Apresenta o Estado como uma área de grande potencial para a prática da pecuária, o que é fato confirmado desde o início da colonização e formação do povoamento. Isso porque a base principal do mesmo foi à atividade econômica. Com o crescimento das fazendas de gado no Piauí foi possível a capitania se tornar, no século XVIII, entre outras mais, uma importante zona produtora de gado vacum e cavalar do Brasil. Os rebanhos eram enviados, a princípio, para Pernambuco e Bahia, os primeiros mercados consumidores da pecuária piauiense.

4.Considerações Finais

Conhecer a realidade colonizadora do povo de Jerumenha é desbravar fatos desconhecidos e adentrar de certa forma na história em tempos primórdios do Brasil colônia. Quando se pensa que no sertão nada de bom existe, é porque não se conhece a história da formação de Vila á emancipação política de Jerumenha.

Neste trabalho compreendemos melhor a história da cidade e compreendemos através de relatos os acontecimentos e fatos históricos de Jerumenha Piauí, visamos conhecer o vislumbre da cidade e suas particularidades, relatos da sua cultura , sociedade, costumes, política e religião.

A metodologia utilizada foi baseada a partir de pesquisas e fontes primárias e secundárias, baseadas em bibliografias orais, com abordagem qualitativa, entrevistas, recordações e memórias dos moradores de jerumenhense. Tendo alguns autores como embasamento teórico: Claudete Dias, Carlos Porto, Costa , dentre outros.

Quanto o histórico da “Vila de Jerumenha”, os relatos de sua origem constam que inicialmente foi um arraial de índios trazidos da Bahia, pelo Português Francisco Dias D’ávila, um dos primeiros exploradores das terras do Piauí que os aldeou na margem direita do rio Gurguéia, para a defesa de suas fazendas de criação de gado situadas naquela região. Em 1676 o governador de Pernambuco Dom Pedro de Almeida concede, nesse ano, as primeiras sesmarias de terras no Piauí a Domingos Afonso Mafrense, Julião Afonso Serra, Francisco Dias de Ávila e Bernardo Pereira Gago, queas requerem, constantes de dez léguas em quadra para cada um, e todas situadas nas margens do Gurgueia. (DIAS, 2008.p.295).

A vila de Jerumenha sofreu muito na mudança da capital, o seu progresso mudou muito quando surgiu Oeiras como capital. Em seguida veio a Lei do Ventre Livre e mais tarde a da abolição, golpes evidentemente inexoráveis, ensinando uma época de atividade organizada, sem remissão e sem possibilidades de reorganização. Esse trabalho fornece informações históricas, culturais e religiosas desta localidade, contribuindo, assim, para novos estudos daqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos neste assunto.

Ao longo deste trabalho, exploramos a rica história da cidade de jerumenha, destacamos sua importância ao longo dos séculos. Desde suas origens até os dias atuais, a cidade tem desempenhado um papel crucial na sua história, na economia, cultura e política. As evidências arqueológicas e os documentos históricos nos mostram que Jerumenha foi um centro de atividades e eventos importantes como a emancipação da vila Arraial Dias D’Avila.

Em suma, entendemos que a cidade de Jerumenha é um exemplo vivo de como o passado molda o presente e continua a influenciar o futuro, isso enriquece o nosso conhecimento e nos serve como lembrete da importância de preservar e celebrar nossa herança cultural e histórica.

REFERÊNCIAS

In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Jerumenha. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

Arquivo da Agência Municipal e Estatística de Jerumenha.

COSTA, Eduardo José Monteiro da. Planejamento territorial, gestão de políticas públicas e descentralização regional: a experiência do estado do Pará.

Desenvolvimento

Regional em Debate, v. 1, n. 1, p.122-150, dez. 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico.

ABREU, Capistrano, Capítulos de História Colonial, p.158.1869.

PORTO, Carlos E. Roteiro do Piauí. Teresina: Ed. Artenova, 1983.

PORTO, Carlos E. Roteiro do Piauí. Teresina: Ed. Artenova, 1974.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Balaios e bem-te-vis: aguerrilha sertaneja. 2ed. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2002.

DIAS, Cid de Casto. Piauí – das origens à nova capital. 1 edição: Julho/2008.

D'ALGE, Julio Cesar Lima. Geoprocessamento de Dados. 2005.

SAGÁRIO, Maria Cristina. Cultura, Enredos, Sociais e narrativas: Contadores de Histórias na Cidade de Uberlândia, 2015.

PIRES, BATALHA, SOUZA. Ana Paula, Socorro de Souza, Neisse Evangelista da Costa. Contação de Histórias e Literatura Infantil: uma abordagem Interdisciplinar. 1ed. 2016.

INPE. Manuais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 2006.

CORREA, Fabricio. Georreferenciamento e Sistemas de informação Geográfica. 2008.

COSTA, F. A. Pereira da Cronologia Histórica do Estado do Piauí. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

MOTT, Luiz. Bandeirantes e Sertanistas: Mitos, Histórias e Historiografias. 1985.

SALA, D. Ensaios sobre arte Colonial luso – brasileiro. São Paulo: Landy, 2002.

KANTOR, Iris. Novas expressões da soberania portuguesa na América do Sul: impasses e repercussões do reformismo pombalino na segunda metade do século XVIII. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. O Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARVALHO, Pe. Miguel de. Descrição do Sertão do Piauí remetida a Ilmo e Rmo Sr. Frei Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco. In: ENNES, OP. CIT. P. 373 “Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí”. In: Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, T. 12, p. 88.

BRANDÃO, Tanya M. P. O escravo...op. cit. p. 127 e segs.

CARVALHO, Pe. Miguel de. Descrição do Sertão do Piauí remetida a Ilmo e Rmo Sr. Frei Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco. In: ENNES, OP. CIT. P. 373 “Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí”. In: Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, T. 12, p. 88.

PIAUI, Governo. Ofício do Dr. Francisco Diógenes de Moraes, datado de 22/08/1800, ao Inspetor do Canindé, Joaquim Vicente. Livro 37, p. 23/24. Arquivo Público do Estado do Piauí.

CAMPELO, S. M.; EMPERAIRE, L. Toponímia da região sudeste do Piauí. Cadernos de Pesquisa, Série Antropologia, v. 3, n. 4, p. 191–237, 1985. Citado na página 81.

GASPAR, J. F. F. A. Revisitando a cartografia náutica portuguesa antiga do atlântico: uma análise quantitativa. In: UFMG. III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Ouro Preto, 2009. p. 1–19. Citado na página 81.

TAPETY, Aldrey Freitas. O vaqueiro no piauí: representações e práticas socioculturais (1960 a 200). Teresina, 2007.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Sesmarias, fazendas e vilas: a consolidação pela pecuária nos sertões do Maranhão e Piauí (1750 – 1777), Editora da universidade Federal do Maranhão. 2004

FONSECA, Rodrigo Gerolineto. A Pedra e o Pálio: Relações Sociais e Cultura na Capitania do Piauí no século XVIII. 2010.

CASTRO, J. F. M. Georreferenciamento e cartometria dos mapas da capitania de minasgerais elaborados por José Joaquim da rocha em 1778 e 1793. Sociedade Natureza, v. 25, n. 3, p. 581–593, 2013. Citado 4 vezes nas páginas 78, 79, 80 e 81.

D'ALGE, J. C. Fundamentos de cartografia para geoprocessamento. <https://bit.ly/3eCJu6Gi>. 2005. Citado na página 82.

INPE. Introdução ao geoprocessamento. <https://bit.ly/3w1D0Edi>. 2006. Citado na página 82.

CORREA, D. C. ^ Cartografia histórica do Rio de Janeiro: Reconstituição Espaciotemporal do Centro da Cidade. Dissertação (Dissertação de Mestrado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 80 e 82.

Fundação CEPRO, Piauí Informações Municipais – 2000; Anuário Estatístico do Piauí – 2001; Piauí, Governo do Estado – Lei Complementar nº 87, de 22/08/2007.

Venha Para Jerumenha Piauí, Portal da Transparência. Disponível em:

<https://transparencia.jerumenha.pi.gov.br/jerumenha/informacoesgerais/municipio/?tipo=potencialidades>

FONTENELLE, G. Lendas e mitos típicos das cinco regiões brasileiras. 2020. Blog Viagem no tempo - Editora Abril. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/viagem-no-tempo/lendas-e-mitos-tipicos-das-cinco-regioes-brasileiras/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RODRIGUES, André Wagner. Um olhar complexo sobre o passado: História, Historiografia e Ensino de História no Pensamento de Edgar Morin. 2011.

OLIVEIRA, Antonio Marcos. Lendas e Mitos: A importância da Tradição Oral nas Comunidades. 1 ed. 2018.